

Empresários querem mais cortes

por Luiz Americano
de Porto Alegre

A partir de agora, se o governo não reduzir o déficit público e tentar aumentar ainda mais a sua receita via carga tributária, "estará confiscando", disse o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) Luis Eulalio de Bueno Vidiagal Filho, na sexta-feira, em Porto Alegre. Ele sustentou que falta coragem política para o governo nas decisões difíceis, "coisa que faltou aos governos anteriores". Lembrou que as autoridades têm de se dar conta que eficiência e produtividade não são privilégios da iniciativa privada, e sim conquistas.

Luis Eulalio voltou a criticar o governo que pouco faz para inibir a sonegação de tributos, ou relaciona categorias isentas, no momento, e inclui uma nova massa de contribuintes. "Acho que o sistema de tributação, tanto do Congresso quanto do próprio Poder Judiciário, na minha opinião está errado. Não deveria ter certas isenções que existem", salientou. O industrial relacionou, ainda, o segmento da agricultura, que a seu ver deveria ser taxado. "O agricultor a partir de um determinado momento passa a ser uma empresa, que goza de benefícios que setores congêneres não têm", disse.

Na mesma linha de raciocínio está o presidente da Springer-Carrier, Paulo Vellinho. Vellinho tinha esperanças de que o governo fosse mais arrojado nas medidas de cortes de gastos. Ele chamou a atenção para os gabinetes dos ministros de São Paulo e do Rio de Janeiro, que têm estrutura completa para atendimentos eventuais dos ministros. Segundo o industrial, no mínimo estes gabinetes deveriam ser desativados, "pois não há sentido o Brasil ter duas ou três capitais administrativas". A racionalização da atividade governamental deve ser buscada o quanto antes, disse Vellinho.